



A GRANDE VIAGEM DE NATÁLIA NA NOITE BRANCA

— Vamos, Natália! Para a cama!

“Oh, nãããã!” , pensou Natália. “Isso não!”

Caía a noite e Natália, a menina de quase sete anos, sentia o coração aos saltos. Como todas as noites, a inquietação e a dúvida deixavam-lhe o coração escuro como breu.

— Não gosto do escuro. Não gosto do escuro, não gosto do escuro — murmurava Natália, que todas as noites reclamava um grande copo de leite branco, dormia em lençóis brancos rodeada de bonecos brancos de pelúcia, com uma luz de presença. E,

enquanto a noite ia descendo, Natália, com os olhos muito abertos e o coração escuro como breu, passava uma noite... totalmente branca, para fazer guerra à escuridão.

E Natália pensava: “O que se passa de noite enquanto durmo? E se um dia tudo parasse? Se o meu coração parasse de bater, se a terra decidisse meter-se debaixo do mar e tudo começasse a ir por água abaixo?”

Quando Natália fechava os olhos, sentia, bem no fundo de si mesma, aquele movimento de oscilação e de vertigem.

Então apressava-se a abri-los, pensando: “Se eu, Natália, conservar os olhos abertos, a Terra não deixará de girar.”

Uma noite, Natália ouviu um murmúrio, um sussurro, um rumor. Parecia um vestido de noiva todo branco.

— Natália — chamou uma voz muito suave. — Natália! Olha para mim.

Mas Natália não via nada... Nada a não ser o escuro, o branco das suas pelúcias, a luz de presença.

— Estou aqui... Sou eu, a Noite!

Natália arregalou os olhos. Um riso infinitamente doce ressoou nos seus ouvidos.

— Eu sou a Noite! Vim para fazer contigo uma pequena viagem. Vamos visitar juntas o mundo da Noite?

Natália, ao mesmo tempo maravilhada e receosa, deixou a Noite envolvê-la nos seus braços quentes e sentiu o corpo a ficar-lhe pesado. As pálpebras fecharam-se-lhe e ela elevou-se a seis mil pés acima da Terra! Era uma impressão bem estranha, porque, ao mesmo tempo que permanecia na cama, elevava-se nos ares, em cima do grande tapete voador na Noite.

Como a Terra era bela e serena vista do alto! Era luminosa e alegre como as bolas de uma árvore de Natal. No céu negro, Natália cruzou-se com um pequeno mercador de areia, que lançava às mãos cheias os seus grãos mágicos, gritando:

— Upa! Mais um para a cama! E upa! O pequeno Martim, para a cama! Upa! A pequena Helena!

Quando se cruzou com ele, Natália observou-o atentamente. O mercador olhou para Natália com os seus olhos brilhantes, agitando o pequeno punho com um ar interrogativo.

— Não, obrigada — disse a Noite. — Esta noite, estamos apenas de visita. Natália não vai dormir.

— Está bem — disse o pequeno mercador de areia, que prosseguiu com a sua tarefa: — E upa! Upa! Upa!

E ambas mergulharam mais profundamente na escuridão. Bem no fundo do céu, uma grande bola amarela tricotava, bocejando, um grande cachecol de noite. Ao lado dela, as pequenas estrelas saltitavam, rindo.

— Um pouco de silêncio! — resmungou a Lua. — É noite sobre a Terra! Um pouco de respeito por aqueles que estão a dormir!

— Esta lua parece-se com a minha avó — pensou Natália, que disse para consigo que a noite estava cheia de barulhos e de cores!

Viu um avião, depois um comboio, uma estrela cadente, um pequeno helicóptero da noite. Um pequeno marciano que tomava banhos de lua, mexendo os longos dedos dos pés, que pareciam feitos de borracha. Sobre um asteróide, um sábio penteava, suspirando, a sua barba branca de três quilómetros de comprimento, um carneiro observava uma rosa e sorria, ao mesmo tempo que uns homenzinhos azuis se dirigiam para a escola.

— Estás a ver tudo o que se passa enquanto dormes? A vida continua, mas é uma outra vida — disse-lhe a Noite.

Depois, começaram a aproximar-se da Terra, que parecia agora uma enorme bola sussurrante bem dependurada no céu. Ela respirava docemente durante o sono. De repente, um milhão de despertadores começaram a tocar ao mesmo tempo. Natália sobressaltou-se.

— Oh, são apenas os padeiros que se levantam para irem fazer o pão e os biscoitos de chocolate para as crianças.

E aproximando-se mais, viram centenas e centenas de crianças adormecidas, com um grande sorriso no rosto. Como era tranquila e feliz a expressão deles!...

— Os seus corações continuam a bater, é por isso que os lençóis se mexem. No seu corpo, o sangue continua a circular e até os olhos se movem debaixo das pálpebras, mas eles encontram-se no mundo dos sonhos. Nada se detém, tudo continua.

E a Noite olhou Natália bem nos olhos.

— Sabes que eu só durmo com um olho? A vida não pára durante o sono, toda a gente continua a respirar. Aliás — murmurou a Noite — se tu aguçares o ouvido quando estiveres na cama, podes ouvir o sussurrar da Noite. E até o murmúrio da Terra...

De regresso da sua viagem, Natália deu por si na sua cama, cheia de sono. Era bom pensar em todos aqueles que descansavam, e também naqueles que trabalhavam durante a noite, tranquilamente, suavemente, para o mundo poder avançar...

Depressa a noite se tornou tão agradável a Natália que ela dispensou a sua pequena luz de presença e os seus lençóis fluorescentes e tudo o que torna as noites brancas.

— Quero dormir no escuro. No escuro total — diz com convicção.

A mãe olha-a com olhos de espanto, perguntando-se o que se terá passado e porque terá Natália crescido tão de repente.

Natália, por sua vez, perguntou-se durante muito tempo se sonhara com aquela viagem com a Noite ou se ela existira realmente. Até ao dia em que deixou de se fazer essa pergunta. Porque o que contava agora é que ela adorava dormir...

Sophie Carquain
Petites histoires pour devenir grand
Paris, Albin Michel, 2003
Tradução e adaptação